

Turismo

Arte imersiva

Ao lado da famosa Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, está localizado o Memorial Minas Gerais Vale, um “museu de experiência”. Com o uso de tecnologias, ambientes sensoriais e atividades educativas, o espaço une cultura, arte e história. Inaugurado em 1897, o edifício já abrigou a Secretaria de Estado da Fazenda e, mesmo depois de ser restaurado, ainda mantém as linhas arquitetônicas de inspiração francesa e uma icônica escadaria de ferro.

As exposições combinam cenários, luzes, sons, vídeos, imagens, algumas obras e objetos de época, visando recontar a Minas Gerais dos séculos 18 ao 21. Nas salas, o visitante pode interagir com os elementos formadores da cultura mineira, com destaque para a representação das festas de rua, do ambiente rural do interior e da expressividade do barroco. Até agosto deste ano, 83.926 pessoas visitaram o memorial.

Gratuita, a programação abre espaço para diferentes expressões artístico-culturais, novos artistas e vozes periféricas da cidade. Em seus 31 ambientes, entre salas expositivas e espaços de convivência, ocorrem exposições de longa duração, mostras temporárias de arte e atividades culturais e educacionais. Há espetáculos infantis, saraus, oficinas e palestras, festivais e shows que, por vezes, extrapolam os muros e ganham o entorno do edifício.



Abertura da exposição Araeté

Literatura indígena

No fim de agosto, o Memorial Vale recebeu a exposição Araeté: a literatura dos povos originários, que apresenta a produção literária de escritores indígenas de 1998 até hoje. Dentre as 305 etnias existentes no Brasil, 40 diferentes povos têm a literatura representada na mostra.

Partindo de uma catalogação da literatura de autoria indígena no Brasil, a exposição, apresentada pelo Instituto Cultural Vale e pelo Ministério da Cultura, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, contempla livros escritos e narrados por indígenas em língua portuguesa e nativa.

“Nossa linguagem foi adormecida, mas sem-

pre guardamos as palavras na mente”, destacou a cacica Ágohô, do povo Pataxó. Em um papo com a imprensa, os indígenas se comunicaram inicialmente em sua língua nativa e depois em português. “Uma expressão de resistência, já que, até 2008, éramos proibidos de nos comunicar dessa forma”, conforme pontuou Wekanã, professor de línguas.

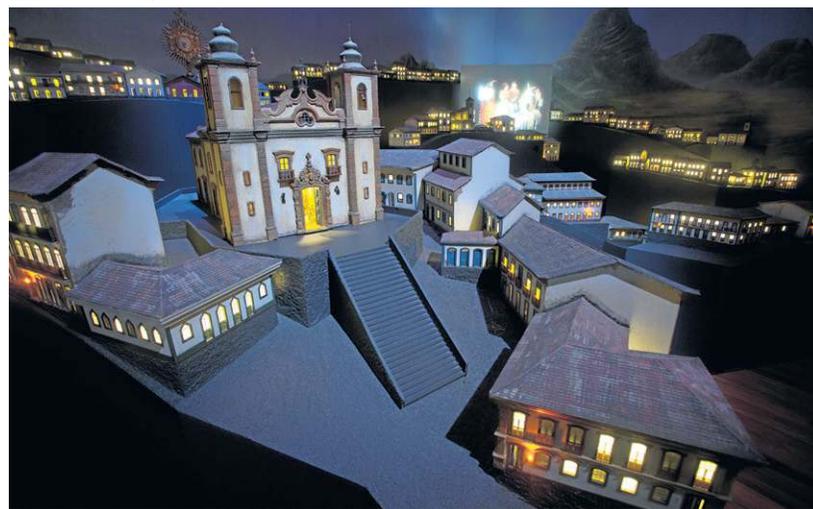
Ao compartilhar um pouco do cotidiano de seu povo, a cacica Ágohô revelou o desejo de resgatar o senso de coletividade e as tradições medicinais, para além dos limites da sua comunidade. “Nos livros didáticos, escritos em língua nativa, fazemos questão de celebrar nossas tradições”, concluiu. A exposição pode ser vista até dia 5 de novembro.

Higor Barreto



Escadaria do Memorial

JOÃO MARCOS ROSA / NITRO



Sala imersiva com reprodução das vilas mineiras